

# TDAH

e o impacto  
na educação  
pós-pandemia



Takeda



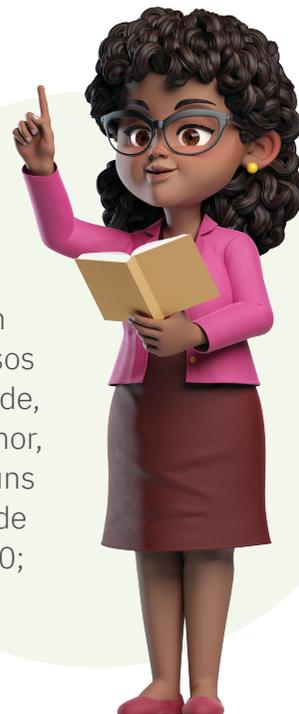
## Telma Pantano

Fonoaudióloga e Psicopedagoga do Serviço de Psiquiatria Infantil do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP); Coordenadora da Equipe Multidisciplinar do Hospital Dia Infantil do Instituto de Psiquiatria da FMUSP; Especialista em Linguagem; Mestre e Doutora em Ciências pela FMUSP; *Master* em Neurociências pela Universidade de Barcelona - Espanha; Pós-doutora em Psiquiatria pela FMUSP.

# COVID-19 e a infância

Embora crianças infectadas com COVID-19 normalmente apresentem quadros clínicos mais leves e assintomáticos, os efeitos psicológicos da quarentena estão cada vez mais presentes nos contextos familiar, social, emocional e educacional. O distanciamento social tanto de amigos (relações horizontais) quanto de familiares (relações verticais) trouxe para as crianças e adolescentes dificuldades em organizar e desenvolver habilidades socioemocionais.

O medo da infecção, a morte e o adoecimento de pessoas próximas (até mesmo as notícias na TV) e o isolamento prolongado após o fechamento de escolas, parques, teatros e locais públicos trouxeram um confinamento com familiares também estressados e cansados da situação. Diversos estudos apontam que sintomas como ansiedade, depressão, irritabilidade, oscilações de humor, desatenção e distúrbios do sono são comuns entre a população infantil sob condições de quarentena (Duan et al., 2020; Bobo et al., 2020; Panda et al., 2020).



## Qual o impacto da pandemia da COVID-19 na educação?

O fechamento das escolas no Brasil (assim como em outros países do mundo) foi utilizado como uma estratégia mundial para conter a transmissão da COVID-19, considerando os dados de infecção e de transmissibilidade infantil do vírus influenza (Xue et al., 2012).

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Institucionais Anísio Teixeira (INEP) publicados em julho/2021, a partir das respostas de um questionário respondido por 94% das escolas públicas e particulares do Brasil, um total de 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades presenciais em 2020 e, desse total, 90,1% não retornaram às atividades presenciais durante todo o ano de 2020.

De acordo com os estudos que envolveram o fechamento das escolas (período de 1 a 10 semanas) pelo vírus influenza, os danos educacionais foram inevitáveis a curto, médio e longo prazos. Esse cenário se torna ainda mais obscuro se considerarmos a situação do Brasil diante de outros países do mundo.

O fechamento das escolas no Brasil foi de cerca de **279 dias**, diante de:

- **199 dias** no Chile e na Argentina;
- **180 dias** no México;
- **163 dias** no Canadá;
- **67 dias** em Portugal; e
- **43 dias** na França.



Fonte: Inep, 2021.

A real proporção das dificuldades enfrentadas por crianças e adolescentes com o fechamento das escolas de forma presencial no Brasil só poderá ser observada nos próximos anos. Porém, alguns indicadores de pesquisas anteriores demonstraram que o fechamento de nove semanas das escolas na Bélgica rebaixou o nível de aprendizagem dos estudantes no nível primário de ensino em -0,19 desvio-padrão para Matemática e -0,29 desvio-padrão para leitura e escrita (Kristof et al., 2020).



O fato de se ter condições socioeconômicas desfavoráveis prejudicou ainda mais esse desempenho. *As estimativas para algumas semanas de escolas fechadas giram em torno de 30% de prejuízos na leitura e escrita* (Beth et al., 2020) e, nos primeiros anos escolares (alfabetização), as perdas giram ao redor de 67% (Bao et al., 2020).

Considerando esses estudos, os prejuízos se tornam, portanto, inevitáveis, mesmo no cenário apontado pelo INEP (2021) de que 98% das escolas adotaram estratégias não presenciais de ensino. Precisamos considerar que grande parte das nossas crianças não tinha acesso a recursos tecnológicos para o contexto educacional ou não dispunha de recursos pessoais e financeiros.

Quando consideramos crianças e adolescentes em condições individuais de aprendizagem ou que precisem de um processo de inclusão e suporte contínuo para a aprendizagem, esses dados são ainda piores. A COVID-19 trouxe uma preocupação intensa para a realidade educacional. A interação entre saúde e educação foi estabelecida de forma abrupta por meio de uma relação direta e inevitável. Como resultado da pandemia, tivemos, no Brasil, o uso exacerbado das tecnologias, pais e educadores com dificuldades em manejar as questões socioemocionais resultantes dos estresses físico e emocional vividos e o aumento da violência infantil em crianças (Silva et al., 2021; Marques et al., 2020).

O ensino por meio das modalidades *on-line* ou semipresencial envolve novas características ao processo de aprendizagem, que se associam a um processo de aquisição de elementos cognitivos e socioemocionais de forma completamente diversa ao que estávamos acostumados até então.



Diferentemente de jogos de computador que envolvem ação e reação e do ensino presencial que possibilita o manejo e o controle direto do professor, **o ensino por intermédio de uma tela exige muito mais funções cognitivas** (atenção voluntária, planejamento, organização, controle de impulsos, flexibilidade mental e controle emocional).

Essas funções já são difíceis de serem organizadas regularmente, mas em momentos como os vividos na pandemia, que envolvem diretamente um descontrole emocional, todos enfrentaram dificuldades, as quais devem prevalecer nos contextos educacionais e sociais ainda por muito tempo. Reconhecer e se antecipar a esses efeitos e dificuldades é a chave para conseguirmos um bom resultado para a saúde física, mental e educacional de crianças e adolescentes.

A escola depende dessa estabilização para poder continuar com o seu propósito de ensino nas mais diversas áreas pedagógicas e nos fundamentos propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Um estudo publicado (Brooks et al., 2020) envolvendo artigos de países que já passaram pelo pico da pandemia da COVID-19 procura observar os efeitos psicológicos resultantes da quarentena.



O estudo aponta efeitos negativos associados à raiva, à confusão e, principalmente, ao diagnóstico de estresse pós-traumático. Os sintomas na população se mostram diretamente relacionados a eventos estressores vivenciados por ela, como o tempo e a duração da quarentena, o acesso a informações inadequadas, o medo da contaminação, a frustração, a perda financeira e o estigma.



Da mesma forma, a falta de autonomia e de organização cognitivas para a aprendizagem de conteúdos pedagógicos associada ao longo período com baixa estimulação de habilidades cognitivas como a atenção, a memória operacional e as funções executivas tornam bastante difíceis o retorno e a organização do contexto educacional.

Quando associamos o TDAH nessa equação, tudo fica ainda mais difícil e complicado. Crianças com TDAH que ainda não haviam sido tratadas e/ou diagnosticadas (assim como muitas daquelas já tratadas) receberam essa situação com muito mais dificuldade. O contexto da aprendizagem por intermédio de uma tela envolve a capacidade de automonitoramento e de organização cognitivos para que a aprendizagem possa acontecer — e esse é o grande prejuízo por parte dessa população.

O objetivo deste material é preparar a volta às aulas e auxiliar o aluno com TDAH no retorno ao contexto educacional, considerando as defasagens pedagógicas, cognitivas e socioemocionais vivenciadas nesse período de pandemia.



Diante das questões psicológicas e educacionais desencadeadas pela pandemia da COVID-19 em crianças e adolescentes, as crianças com TDAH, assim como com outros transtornos de desenvolvimento (autismo, transtornos de linguagem, deficiência intelectual, transtornos de aprendizagem etc.), foram as que mais sofreram os impactos, principalmente ao considerarmos as questões educacionais.

A reestruturação das escolas em um período mínimo de tempo para ofertar possibilidades de escolarização às crianças e adolescentes não permitiu as adaptações e os auxílios necessários para os grupos de inclusão e, dentre eles, destacamos aqui o TDAH. Um dos grandes aspectos que devemos considerar para pensar no suporte aos déficits educacionais obtidos durante a pandemia são as condições dessas crianças durante o isolamento.



Conhecer as características do TDAH é algo imprescindível para que possamos considerar a readaptação das crianças e dos adolescentes com essa patologia. **Cada criança é única em seu funcionamento, temperamento e personalidade.**

Da mesma forma que a estrutura familiar e escolar disponibilizada na pandemia também é um fator muito importante a ser considerado para as dificuldades a serem superadas nos próximos anos.

Dessa forma, dificuldades como as dos processos atencionais e da memória operacional tornam essas crianças muito mais frágeis para responder a determinados tipos de estímulos como, por exemplo, os pouco interativos. As características relacionadas à impulsividade, à hiperatividade e à falta de atenção, se muito exacerbadas, tornam fundamental a presença de um adulto que organize e permita o dinamismo necessário para a aprendizagem.



As falhas em funções executivas que são características dessas crianças tornam ainda mais difícil o desenvolvimento de habilidades como resolução de problemas e flexibilidade mental, o que também torna ainda mais difícil a reorganização desses alunos no contexto pós-pandemia.



*A escola, a família e o próprio aluno deverão estar conscientes dessas características para pedirem suportes ainda mais específicos e qualificados ao perfil de dificuldade apresentado.*

---

Tudo isso sem esquecer que um dos principais objetivos da escola é desenvolver capacidades cognitivas e socioemocionais que envolvam a autonomia e o automonitoramento e que, durante a pandemia, essas questões não foram a prioridade na estimulação.

## TDAT – Quais as possibilidades de resgate das aprendizagens e perdas na pandemia?

Mesmo considerando os dados do INEP (2021), nos quais 98% das escolas adotaram estratégias não presenciais de ensino, conhecer a metodologia empregada por elas faz toda a diferença para que possamos pensar na readaptação dos alunos.

Em 2020, um levantamento realizado pela Fundação Carlos Chagas mostrou que:

- 77,4% das escolas se utilizaram do recurso de envio de materiais aos alunos pelas redes sociais;
- 47,2% das escolas deixaram o material disponível em sites da Secretaria da Educação do município;
- 38,3% das escolas utilizaram videoaulas gravadas;
- 0,6% delas realizou comunicação por rádio; e somente
- 29,8% dos professores realizaram aulas ao vivo com os alunos.

O suporte educacional que a criança recebeu durante o período de pandemia pode fazer toda a diferença para a readaptação no período pós-pandemia. Se a escola ofereceu o suporte educacional *on-line* e síncrono (com o professor presente e interagindo com os alunos), temos a possibilidade de prejuízos menores, já que, se tivemos escolas e professores atentos, as questões socioemocionais e o impacto dos prejuízos na aprendizagem podem ter sido reduzidos. Porém, pelo levantamento da Fundação Carlos Chagas, essa realidade parece que só fez parte de cerca de 30% das crianças.



Devemos considerar que 70% dos alunos receberam somente o envio de materiais ou o suporte *on-line* assíncrono. As crianças puderam assistir às aulas gravadas e realizar as atividades quando e como quiseram. Esse processo, conhecido como “Educação a Distância”, exige uma série de funções cognitivas e socioemocionais, como a automotivação e a autodisciplina, além de habilidades como a organização e o planejamento.



---

Assim, considerando a situação da pandemia, diversos autores (Carvalho et al., 2020) relatam que a falta de planejamento e de adequação proporcionada a diversos grupos de estudantes durante o período da pandemia acabou por denominar o ensino proporcionado nesse período como “Ensino Emergencial”.

No próprio diagnóstico do TDAH, as habilidades exigidas no ensino remoto estão diretamente prejudicadas. Assim, as dificuldades apresentadas por crianças e adolescentes nessas modalidades de ensino tornaram ainda mais visíveis as dificuldades escolares dessa população aos pais e cuidadores diretos.



Estudos como o de Bobo et al. (2020) relatam um aumento da gravidade dos sintomas relatados por pais e cuidadores durante o período da pandemia. A atividade escolar exige habilidades bastante comprometidas no TDAH e os pais e cuidadores tiveram que enfrentar diretamente essas falhas por longos períodos de tempo. Esse suporte fundamental para o TDAH, o qual, anteriormente, era conduzido no contexto escolar, aumentou muito o estresse dos pais e cuidadores, assim como dos próprios alunos com o diagnóstico.



Em conjunto com a situação já estressante da pandemia, as condições de isolamento trouxeram à população com TDAH alterações no padrão de sono, aumento da ansiedade e dificuldades em cumprir prazos e entregas para o contexto educacional (Bobo et al., 2020). *Portanto, o tempo, a qualidade e a duração da situação de ensino on-line são um forte indicativo das dificuldades a serem enfrentadas pela população com TDAH no retorno ao contexto educacional.*

Sem dúvida, diante das características do TDAH, crianças e adolescentes tiveram que receber suporte e monitoramento intensos por parte dos pais e cuidadores. Muitos não puderam contar com esse auxílio e, portanto, ficaram com prejuízos ainda maiores no contexto educacional. Os que conseguiram esse suporte tiveram que contar com adultos que também viviam em uma condição estressante, além de não receberem as orientações e o suporte individual para conduzirem as atividades educacionais e acadêmicas. Nesse estudo, os próprios pais relatam que o suporte oferecido por eles foi ineficiente e desgastante para o contexto escolar.

Essas dificuldades não são exclusivas dos brasileiros. Um estudo europeu reunindo diversos países (Thorell et al., 2021) demonstrou o aumento do estresse dos pais em função da necessidade de suporte escolar durante o período da pandemia, principalmente entre pais e cuidadores que tinham que dar suporte para crianças com diagnóstico psiquiátrico como o TDAH.

E na Austrália também não foi diferente. Um estudo conduzido por Becker et al. (2020) apresentou resultados preocupantes com relação à aprendizagem de adolescentes com TDAH. As crianças tiveram pouco ou nenhum suporte do contexto educacional, assim como os pais não conseguiram suprir as dificuldades delas a ponto de fornecerem uma condição educacional satisfatória durante o período de pandemia.

Talvez esses sejam os pontos centrais a serem considerados pelos pais, professores e estrutura escolar no retorno às aulas de crianças com TDAH - o suporte pedagógico oferecido não foi eficiente para as condições clínicas dessa população; além disso, o engajamento às atividades foi fornecido pelo ambiente externo (pais/cuidadores), oferecendo pouco suporte e manejo pedagógico.

Temos, portanto, um grupo de crianças e adolescentes com TDAH em condições críticas para o retorno do contexto educacional, com questões socioemocionais e pedagógicas que precisam ser acompanhadas e que devem receber um suporte intenso no contexto educacional (Lupas et al., 2021).



A inclusão dessas crianças envolve uma revisão das expectativas pedagógicas das séries, aumento de suporte para o contexto de aprendizagem e situações avaliativas e desenvolvimento de habilidades cognitivas como treino atencional, planejamento, organização, autonomia e metacognição, considerando a condição atual delas e as possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos.

O impacto da pandemia na vida educacional, cognitiva e socioemocional das crianças trouxe mudanças importantes na realidade de crianças e adolescentes do mundo todo. Crianças com distúrbios de aprendizagem (dentre eles, o TDAH) receberam pouco suporte e poucas intervenções efetivas, sendo necessárias medidas focadas para sua reinserção no contexto educacional.

Tornam-se fundamentais suportes que envolvam a atenção individual e centrada no aluno, em uma tentativa direta de resgate das habilidades pouco ou mesmo que não foram estimuladas em função do período de fechamento das escolas e do suporte remoto promovido por elas durante a pandemia da COVID-19.



Superar as dificuldades educacionais observadas nesse período tem sido o objetivo de diversos países. Diante dessa necessidade, centros como *Hannover Research* (2020) e o Centro Global para o Desenvolvimento (Carvalho et al., 2021) têm considerado algumas possibilidades para resgatar os prejuízos cognitivos e socioemocionais de crianças e adolescentes, em especial daqueles com necessidade de suporte específico, como crianças com TDAH.

 Todas as possibilidades envolvem a união entre família, recursos educacionais e sociais. Uma delas é a extensão da grade curricular e do horário de escolarização pelo aumento da carga horária diária e/ou cursos de férias que, embora possam ter uma configuração mais lúdica e menos estruturada, podem privilegiar processos cognitivos e socioemocionais. 

Outra possibilidade a ser considerada envolveria a manutenção do mesmo grupo social por mais de um ano no contexto educacional. Dessa forma, seriam possíveis o resgate e o trabalho com as habilidades socioemocionais a partir de vínculos afetivos mais estáveis.

Crianças e adolescentes que tenham experienciado situações traumáticas podem ser beneficiados de forma bastante específica, assim como aqueles que não tiveram essas vivências, mas que apresentam mudanças de comportamento em função da pandemia. Ao passar mais tempo com o mesmo grupo, o professor pode conhecer e desenvolver, de forma mais aprofundada, condições de resiliência e superação no grupo e em alguns alunos em particular.

O currículo vertical considera uma única temática sendo trabalhada por diversas disciplinas, permitindo, assim, o aprofundamento dos temas e a compreensão individual dos conteúdos. O currículo vertical traz segurança para o aluno com relação ao conteúdo e, assim, facilita a observação — além, é claro, de estimular processos cognitivos como flexibilidade mental, resolução de problemas, planejamento e atenção voluntária (entre outros).

A parceria entre a escola e os pais pode permitir a compreensão das dificuldades de ensino e aprendizagem, promovendo situações individuais ou em grupo para reforçar ou desenvolver a aprendizagem. A tutoria pode ser uma alternativa para as perdas apresentadas durante o período da pandemia — se fornecida considerando as individualidades de cada aluno.



Os alunos devem ser observados com relação às suas habilidades e dificuldades mais do que com relação aos conteúdos pedagógicos, e a escola pode ajudar os pais e cuidadores na construção de estratégias fora do período escolar que permitam o treinamento das dificuldades e a valorização das habilidades de cada criança. A escola deve manter um canal de comunicação aberto com a família para propiciar condições para o resgate das perdas e dificuldades enfrentadas por crianças e adolescentes.

# Bibliografia

- Bao X, Qu H, Zhang R, Hogan TP. Literacy Loss in Kindergarten Children during COVID - 19 School Closures. 2020.
- Becker SP, Breaux R, Cusick CN, Dvorsky MR, Marsh NP, Sciberras E, Langberg JM. Remote learning during COVID-19: Examining School Practices, Service Continuation, and Difficulties for Adolescents with ADHD. 2020.
- Beth A et al. (2020). Digital citizenship during a global pandemic: moving beyond digital literacy. Journal of Adolescent & Adult Literacy, Vol. 64, No. 41, pp. 11-17, doi: 10.1002/jaal.1076.
- Bobo E, Lin L, Acquaviva E, Caci H, Franc N, Gamon L, Picot MC, Puier F, Speranza M, Falissard B, Purper-Quakil D. How do children and adolescents with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) experience lockdown during the COVID-19 outbreak? Encephale. 2020 Jun;46(3S):S85-S92.
- Brooks SK, Webster RK, Smith LE, Woodland L, Wessely S, Greenberg N, Rubin GJ. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. Lancet. 2020 Mar 14;395(10227):912-920.
- Carvalho CB et al. Ensino Remoto e Necessidades Específicas: o papel da escola e das famílias. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 74871-74885, oct. 2020.
- Carvalho S et al. "Planning for School Reopening and Recovery After COVID-19: Na Evidence Kit for Policymakers." Center for Global Development, 2021. P. 12. <https://www.cgdev.org/sites/default/files/planning-school-reopening-andrecovery-after-covid19.pdf>.
- Duan L, Lao X, Wang Y et al. An investigation of mental health status of children and adolescents in china during the outbreak of COVID-19. J.Affect Disord. 2020; 275:112-8.
- FCC: Fundação Carlos Chagas. 2020. [https://www.fcc.org.br/fcc/wpcontent/uploads/2020/06/educacao-pandemia-a4\\_16-06\\_final.pdf](https://www.fcc.org.br/fcc/wpcontent/uploads/2020/06/educacao-pandemia-a4_16-06_final.pdf).
- Hannover Research. BEST PRACTICES FOR LEARNING LOSS RECOVERY. December 2020. <https://wvde.us/wp-content/uploads/2021/02/Learning-Loss-RecoveryBest-Practices.pdf>.
- INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Panorama da Educação: destaques do Education at a Glance 2021. Brasília, DF: 2021.
- Kristof DE, Witte JEM. The effect of school closures on standardized student test outcomes. Ku Leuven. Department of Economics, 2020.
- Lups KK, Mavrakis A, Altszuler A, Tower D, Gnagy E, MacPhee F, Ramos M, Merrill B, Ward L, Gordon C, Schatz N, Fabiano G, Pelham W. The short-term impact of remote instruction on achievement in children with ADHD during the COVID-19 pandemic. Sch Psychol. 2021 Sep;36(5):313-324.
- Marques ES, Moraes CLD, Hasselmann MH, Deslandes FS, Reichnheim MH. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. Cadernos de Saúde Pública, 36(4), 1-6. 2020.
- Panda PK, Juhi G, Sayoni RC, Kumar R, Meena AK, Madaan P, Sharawat IK, Gulati S. Psychological and Behavioral Impact of Lockdown and Quarantine Measures for COVID-19 Pandemic on Children, Adolescents and Caregivers: A Systematic Review and Meta-Analysis. Journal of Tropical Pediatrics. 2020;00,1-13.
- Silva ACP, Danzmann PS, Neis LPH, Dotto ER, Abaid JLW. Efeitos da Pandemia da COVID-19 e suas repercussões no desenvolvimento infantil: Uma revisão integrativa. Research, Society and Development, v. 10, n. 4, e50810414320, 2021.
- Thorell LB, Skoglund C, de la Peña AG, Baeyens D, Fuermaier ABM, Groom MJ, Mammarella IC, van der Oord S, van den Hoofdakker BJ, Luman M, de Miranda DM, Siu AFY, Steinmayr R, Idrees I, Soares LS, Sörlin M, Luque JL, Moscardino UM, Roch M, Crisci G, Christiansen H. Parental experiences of homeschooling during the COVID - 19 pandemic: differences between seven European countries and between children with and without mental health conditions. Eur Child Adolesc Psychiatry. 2021:1-13.
- Xue Y, Kristiansen IS, de Blasio BF. Dynamic modelling of costs and health consequences of school closure during an influenza pandemic. BMC Public Health. 2012;12:962.

## Takeda Distribuidora Ltda.

Para mais informações, conte com o nosso serviço de Informações Médicas por meio do e-mail: [medinfolatam@takeda.com](mailto:medinfolatam@takeda.com) ou de nossos representantes. Material destinado ao público em geral.

**Material produzido em janeiro/2022. C-ANPROM/BR/VEN/0036**

**Cartilha TDAH e o Impacto na Educação Pós-Pandemia. 6507510.**

EM CASO DE DÚVIDAS, LIGUE GRATUITAMENTE  
**SAC: 0800-7710345**  
[www.takedabrasil.com](http://www.takedabrasil.com)



**NEUROCIÊNCIAS**

